



## **RELIGIÃO AFRICANA**

**Eduardo Lucas Lemes Januário  
Guilherme Batista de Souza**

**CATANDUVA**  
2025

---

# RELIGIÃO AFRICANA

---



**INSTITUTO  
FEDERAL**

São Paulo

---

Câmpus  
Catanduva

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar o conceito de religião, sua importância histórica e cultural, bem como os preconceitos que cercam diferentes expressões religiosas, com ênfase nas religiões de matriz africana, especialmente a Umbanda. A partir de uma contextualização teórica, são abordadas as raízes históricas da religiosidade, os tipos de manifestações religiosas presentes no Brasil e os desafios enfrentados por algumas delas, como a intolerância e a discriminação. Dados recentes demonstram um crescimento alarmante nos casos de violência e preconceito religioso, sobretudo contra religiões afro-brasileiras. O estudo busca, portanto, promover uma reflexão crítica sobre o respeito à diversidade religiosa e a valorização de tradições como a Umbanda, parte essencial da identidade cultural brasileira.

## **Abstract**

This paper aims to analyze the concept of religion, its historical and cultural significance, and the prejudices surrounding different religious expressions, with a special focus on African-based religions, particularly Umbanda. Through theoretical contextualization, the study explores the historical roots of religiosity, the variety of religious manifestations in Brazil, and the challenges some groups face, such as intolerance and discrimination. Recent data reveals an alarming increase in acts of violence and religious prejudice, especially targeting Afro-Brazilian religions. Thus, this research seeks to encourage critical reflection on the importance of religious diversity and the appreciation of traditions such as Umbanda, which are essential to Brazilian cultural identity.

## **Índice**

<b>1. Introdução</b>	<b>5</b>
<b>2. Preconceitos acerca das religiões</b>	<b>5</b>
<b>3. Religiões Africanas</b>	<b>5</b>
<b>4. Umbanda</b>	<b>6</b>
<b>5. Conclusão</b>	<b>6</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>7</b>

# 1.Introdução

Religião é um sistema de crenças, rituais, doutrinas e símbolos que conecta o ser humano ao sagrado, ao divino ou ao espiritual. Mais do que uma prática individual, a religião é uma expressão coletiva de valores, tradições e visões de mundo, desempenhando papel fundamental na organização social, política e cultural das civilizações desde os primórdios da humanidade. De forma geral, a religião busca oferecer sentido à existência, responder a questionamentos sobre a origem da vida, da morte e do universo, além de orientar comportamentos por meio de normas morais e éticas.

Os primeiros vestígios do pensamento religioso remontam ao período Paleolítico Superior, cerca de 50 mil anos atrás, quando grupos humanos começaram a enterrar seus mortos com objetos e símbolos, sinalizando uma crença na vida após a morte. Um dos registros mais antigos de culto religioso está nas cavernas de Chauvet, na França, onde pinturas rupestres, datadas de aproximadamente 30 mil a.C., sugerem rituais espirituais relacionados à caça. Com o surgimento das primeiras civilizações, por volta de 3.000 a.C., como na Mesopotâmia, Egito, Índia e China, as religiões passaram a se estruturar de forma mais organizada, com templos, sacerdotes e mitologias complexas.

No Egito Antigo, por exemplo, havia uma religiosidade politeísta baseada em deuses ligados à natureza e à vida após a morte, como Rá (deus do sol) e Osíris (deus dos mortos). Na Mesopotâmia, os povos sumérios e babilônios construíram zigurates como centros religiosos e acreditavam que os deuses influenciavam diretamente os fenômenos naturais. Já na Índia, emergiram os Vedas, textos sagrados que deram origem ao Hinduísmo — uma das religiões mais antigas ainda em prática. Por sua vez, o Judaísmo, surgido por volta de 2.000 a.C., marcou o início do monoteísmo, crença em um único deus, influenciando profundamente religiões posteriores como o Cristianismo (século I d.C.) e o Islamismo (século VII d.C.).

Com o tempo, a religião tornou-se um poderoso agente de coesão e controle social, mas também foi utilizada como ferramenta de dominação, resultando em conflitos, perseguições e imposições culturais. Durante a Idade Média, por exemplo, a Igreja Católica exerceu grande poder sobre a Europa Ocidental, influenciando diretamente governos, guerras (como as Cruzadas) e até a ciência. Já nos períodos de colonização, especialmente entre os séculos XV e XIX, religiões europeias foram impostas a povos africanos e indígenas, suprimindo suas crenças originárias em nome da “civilização” e da salvação espiritual.

Essa trajetória gerou um histórico de preconceito religioso, muitas vezes institucionalizado, principalmente contra religiões minoritárias ou fora dos padrões dominantes. Até os dias atuais, religiões de matriz africana, por exemplo, são alvo de violência, discriminação e desinformação, o que demonstra que a liberdade religiosa, embora garantida pela Constituição Brasileira (artigo 5º, inciso VI), ainda está longe de ser plenamente respeitada. A intolerância compromete o diálogo inter-religioso, impede a convivência pacífica e reduz a complexidade e a beleza das tradições espirituais a estereótipos negativos.

Diante desse cenário, torna-se essencial refletir sobre as formas pelas quais o preconceito religioso se manifesta na sociedade, identificando os grupos mais vulneráveis a esse tipo de discriminação e compreendendo as consequências que ela acarreta. Nesse sentido, o próximo tópico propõe uma análise dos preconceitos que cercam diferentes tradições religiosas, com atenção especial

aos efeitos sociais da intolerância e aos desafios enfrentados por crenças historicamente marginalizadas ou pouco representadas.

## **2.Preconceitos acerca das religiões**

Apesar de sua importância histórica e cultural, a religião tem sido alvo de intolerância em diversas sociedades. No Brasil, país conhecido por sua diversidade religiosa, a intolerância religiosa tem se manifestado de forma preocupante, afetando não apenas a liberdade de crença, mas também a convivência pacífica entre diferentes grupos.

Por mais que não aparente, ou não seja a realidade de muitos, a intolerância religiosa é uma realidade crescente e alarmante. Segundo reportagem do G1, com base em dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, o Brasil registrou mais de 1.200 denúncias de intolerância religiosa em 2023, o que equivale a uma média de mais de 3 por dia. Os números representam um aumento de 35% em relação ao ano anterior.

Em 2024, o Disque 100, canal de denúncias do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, registrou 2.472 denúncias de intolerância religiosa, representando um aumento de 66,8% em relação a 2023, que teve 1.481 casos . Esse crescimento evidencia a urgência de políticas públicas eficazes para combater esse tipo de discriminação.

As denúncias se concentram principalmente nos estados de São Paulo (618), Rio de Janeiro (499) e Minas Gerais (205) . A maioria das vítimas são mulheres (1.423 casos) e pessoas negras (647 casos), indicando que a intolerância religiosa muitas vezes se entrelaça com outras formas de discriminação, como o racismo e o sexismo .

Grande parte desses ataques tem como alvo religiões de matriz africana. As vítimas relatam agressões físicas, invasões de terreiros, destruição de objetos sagrados, ameaças e ofensas públicas. Muitas dessas ações estão ligadas à desinformação, ao preconceito enraizado e à intolerância disseminada por discursos de ódio, inclusive nas redes sociais.

Aprofundando nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, vemos que os dados são ainda maiores e têm tido uma crescente exponencial nos últimos anos. Tendo em vista os dados de 2024, a Umbanda registrou 151 denúncias, enquanto o Candomblé teve 117 casos . Essas religiões, que fazem parte do patrimônio cultural brasileiro, são frequentemente alvo de estigmatização e violência, reflexo de um racismo estrutural enraizado na sociedade.

Diante desse cenário alarmante, é fundamental que sejam implementadas ações concretas que promovam o respeito à diversidade religiosa e combatam o preconceito em todas as suas formas. A educação é um dos pilares essenciais nesse processo, por meio da inclusão de conteúdos sobre religiosidade e pluralidade cultural nos currículos escolares, com o objetivo de desconstruir estigmas e formar cidadãos mais conscientes e tolerantes. Além disso, é necessário fortalecer políticas públicas voltadas à proteção das liberdades individuais, garantir o acolhimento e apoio às vítimas de intolerância, e fomentar campanhas de conscientização em espaços públicos e mídias, promovendo o diálogo inter-religioso como caminho para a convivência pacífica. Combater a intolerância religiosa não é apenas um dever do Estado, mas um compromisso coletivo com a construção de uma sociedade mais justa e plural.

### 3. Religiões Africanas

As religiões africanas são sistemas espirituais milenares, originários do continente africano, profundamente marcados pela oralidade, ancestralidade e relação com a natureza. Nessas tradições, o sagrado se manifesta por meio de rituais, danças, cantos, oferendas e práticas simbólicas ligadas aos ciclos da vida e aos elementos naturais, como ervas, pedras, água e fogo. Tais sistemas religiosos veneram divindades conhecidas como orixás, além de cultuar os ancestrais, considerados guias e protetores espirituais da comunidade.

No continente africano, existem centenas de religiões tradicionais, muitas vezes específicas de cada etnia ou região. As mais conhecidas, e que influenciaram diretamente a formação das religiões afro-brasileiras, são as tradições religiosas dos iorubás (nagôs), dos jejes (daomeanos) e dos bantos (angolanos e congoleses). Cada uma delas possui seus próprios mitos, rituais, deuses e formas de organização. A criação de uma religião africana tradicional se dá, geralmente, a partir da transmissão oral de mitos fundadores, da relação com forças da natureza, da organização em clãs ou linhagens espirituais e da reverência aos ancestrais e divindades locais.

Durante o período da escravidão, entre os séculos XVI e XIX, estima-se que cerca de 3,5 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil, oriundos principalmente das regiões que hoje correspondem à Nigéria, Benin e Angola. Esses povos, pertencentes a diversas etnias como iorubás, jejes e bantos, trouxeram consigo seus rituais, cosmologias e sistemas religiosos próprios. Contudo, ao se depararem com a dura realidade da escravidão e a repressão cultural imposta pelos colonizadores, essas crenças passaram por processos de adaptação e resistência, fundindo-se aos elementos do catolicismo europeu e às tradições indígenas brasileiras.

Esse fenômeno resultou no surgimento de religiões afro-brasileiras sincréticas, como o Candomblé, a Umbanda, o Tambor de Mina, o Batuque, entre outras. Cada uma dessas manifestações possui características próprias, mas compartilham valores fundamentais como o respeito à ancestralidade, a centralidade da natureza e a valorização da coletividade. No Candomblé, por exemplo, há uma hierarquia rígida de iniciação e culto direto aos orixás, com cantos em iorubá; já no Tambor de Mina e no Batuque, destacam-se elementos específicos das tradições jeje e banto. A Umbanda, por sua vez, é mais sincrética e aberta, combinando influências africanas, indígenas e espiritistas.

Essas práticas religiosas tiveram forte impacto na cultura brasileira, influenciando a música, a dança, a culinária, a linguagem, os festivais populares, como o Congado, o Maracatu e o Círio de Nazaré, e mesmo o vocabulário do cotidiano. Os rituais com atabaques, o uso de ervas, o respeito aos mais velhos, e a forte presença do sagrado na vida comum são heranças vivas dessas tradições no Brasil.

Além de seu aspecto religioso, essas práticas desempenharam um papel crucial na preservação da identidade cultural afrodescendente e na resistência simbólica e espiritual frente à opressão colonial. Com o tempo, muitas dessas religiões foram injustamente marginalizadas, associadas a estigmas e perseguições. Mesmo assim, continuam vivas, atuantes e em constante transformação. Entre elas, destaca-se a Umbanda, religião tipicamente brasileira, resultado direto dessa confluência cultural e espiritual — tema que será explorado com mais profundidade no próximo tópico.

## 4.Umbanda

A Umbanda é uma religião afro-brasileira que surgiu oficialmente no início do século XX, mais precisamente em 1908, no estado do Rio de Janeiro. Seu surgimento é atribuído ao médium Zélio Fernandino de Moraes, então com 17 anos, que, durante uma sessão espírita, incorporou o espírito do "Caboclo das Sete Encruzilhadas". Na ocasião, Zélio anunciou a fundação de uma nova religião, que uniria elementos do espiritismo kardecista, do catolicismo popular, das religiões de matriz africana e das tradições indígenas. Assim, a Umbanda nasceu como uma religião sincrética, que prega a caridade, a fraternidade, o acolhimento e o respeito à diversidade espiritual e humana.

Desde então, a Umbanda percorreu uma trajetória marcada por expansão e resistência. Após a fundação do primeiro templo, em 1910 — o Templo de Nossa Senhora da Piedade — a religião rapidamente se espalhou por outros estados brasileiros, especialmente São Paulo, Minas Gerais e regiões do Sul. Ao longo do século XX, consolidou-se com diversas vertentes e interpretações, ao mesmo tempo em que enfrentava perseguições e preconceitos sociais, especialmente entre as décadas de 1940 e 1960. A criação de conselhos e federações umbandistas ajudou a institucionalizar a religião e diferenciá-la de outras práticas afro-brasileiras. Nos anos 1970, a Umbanda começou a aparecer com mais frequência na mídia, ganhando visibilidade, mas também enfrentando estereótipos. Nas décadas seguintes, surgiram vertentes como a Umbanda Branca e a Umbanda Esotérica, refletindo a pluralidade interna da doutrina. Finalmente, em 2016, a Umbanda foi oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial no estado do Rio de Janeiro, consolidando seu papel como expressão legítima da religiosidade brasileira e marco da resistência afrodescendente.

A doutrina umbandista baseia-se na crença em um Deus único e supremo, conhecido como Olorum ou Zambi, e na existência dos orixás, divindades ligadas às forças da natureza. Além disso, a Umbanda estabelece uma relação direta com entidades espirituais que se manifestam por meio da incorporação em médiuns durante os rituais, também chamados de giras. Essas entidades são organizadas em linhas espirituais, como os Pretos-Velhos (símbolos de sabedoria e humildade), os Caboclos (ligados à força e à natureza), as Crianças ou Erês (representações da pureza e alegria), os Exus e as Pombagiras (entidades que lidam com os aspectos mais densos e protetores da vida material).

As práticas religiosas da Umbanda ocorrem em locais chamados terreiros, conduzidos por líderes espirituais denominados pais ou mães de santo. Durante os rituais, são entoados pontos cantados, feitos trabalhos espirituais, defumações com ervas, e realizadas consultas com as entidades para aconselhamento e cura espiritual. A religião valoriza a inclusão social, não impõe restrições à participação de fiéis por gênero, orientação sexual ou origem étnica, e é profundamente voltada para o auxílio ao próximo e a evolução espiritual.

Embora a Umbanda seja uma religião de paz e acolhimento, ainda enfrenta forte preconceito e marginalização. Em 2023, segundo o Fórum Nacional de Segurança Pública, um terreiro foi incendiado a cada 15 dias, em média, no Brasil. Além disso, muitos praticantes ainda têm receio de se identificar como umbandistas devido à intolerância religiosa. Estimativas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam que cerca de 1 milhão de brasileiros se declaram adeptos da Umbanda, embora o número real possa ser significativamente maior.

Curiosamente, a Umbanda não possui um livro sagrado fixo; seus ensinamentos são transmitidos de forma oral, por meio da convivência nos terreiros e da prática ritualística. Essa característica reforça seu caráter comunitário e dinâmico, que se renova constantemente através da vivência espiritual.



Entender a Umbanda em sua essência e história é um passo fundamental para desconstruir os preconceitos que ainda persistem. Respeitá-la não apenas como religião, mas como parte do patrimônio cultural brasileiro, é essencial para avançarmos como sociedade justa e plural.

## 5. Conclusão

A religiosidade é um traço essencial da experiência humana. Desde os primórdios da civilização, a religião tem servido como forma de explicação do mundo, de consolação diante da morte, de celebração da vida e de organização social. No Brasil, esse traço se manifesta de maneira particularmente rica e diversa, com expressões que vão do catolicismo tradicional às religiões orientais, passando por doutrinas evangélicas, espiritualistas e afro-brasileiras. Dentre essas últimas, a Umbanda se destaca como uma das mais representativas do sincretismo e da identidade cultural nacional. Ela reúne, em sua essência, o encontro entre as culturas africana, indígena e europeia, refletindo a própria formação do povo brasileiro.

No entanto, essa diversidade religiosa, ao invés de ser plenamente celebrada, ainda encontra barreiras na forma do preconceito, da intolerância e da violência simbólica e física. Como vimos ao longo deste trabalho, os dados apontam para um aumento expressivo nas denúncias de intolerância religiosa no Brasil, afetando principalmente religiões de matriz africana. Terreiros de Umbanda e Candomblé são frequentemente alvos de ataques, vandalismos e perseguições — um reflexo não apenas da intolerância religiosa, mas também do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Esse cenário revela que, apesar de a liberdade de crença ser garantida constitucionalmente, ela ainda está longe de ser plenamente respeitada na prática.

Diante desse quadro, torna-se urgente o desenvolvimento e a implementação de ações concretas, planejadas e integradas entre diferentes esferas do poder público e da sociedade civil. Algumas medidas prioritárias podem ser destacadas:

1. Educação Religiosa Plural nas Escolas – O Ministério da Educação (MEC) deve revisar as diretrizes da educação religiosa, incluindo conteúdos que promovam o respeito à diversidade de crenças. Projetos de formação continuada para professores, voltados à abordagem inter-religiosa e antirracista, também são fundamentais.
2. Campanhas Públicas de Conscientização – O Governo Federal, por meio da Secretaria de Comunicação Social e do Ministério dos Direitos Humanos, pode promover campanhas nacionais de combate à intolerância religiosa, com foco em redes sociais, TV aberta e rádio, dando visibilidade positiva às religiões marginalizadas.
3. Fortalecimento da atuação do Ministério Público e da Defensoria Pública – Esses órgãos devem atuar de forma mais incisiva contra crimes de intolerância religiosa, com núcleos especializados e linhas diretas para denúncias. A criação de delegacias especializadas pode acelerar o processo de investigação e punição.
4. Reconhecimento e Proteção Legal de Terreiros – Os municípios, com apoio dos estados e do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), devem mapear e registrar os terreiros como bens culturais imateriais, protegendo-os legalmente contra remoções, ataques e discriminação urbanística.
5. Financiamento e apoio a projetos culturais e sociais de matriz africana – Através da Lei Rouanet e de editais públicos, o Ministério da Cultura pode incentivar iniciativas que promovam o conhecimento das religiões afro-brasileiras, ampliando seu alcance e desconstruindo estereótipos.

6. Parcerias com universidades e centros de pesquisa – Instituições de ensino superior devem ser estimuladas a desenvolver estudos sobre religiões afro-brasileiras e a oferecer apoio técnico e científico a políticas públicas na área da liberdade religiosa.

Essas ações, se bem coordenadas e mantidas a longo prazo, não eliminarão por completo o preconceito, mas têm potencial para reduzi-lo significativamente, promovendo um ambiente de maior respeito, conhecimento mútuo e convivência pacífica. Além disso, ao valorizar a diversidade religiosa como patrimônio da nação, o Estado contribui diretamente para o fortalecimento da cidadania e da democracia.

Em suma, reconhecer e respeitar todas as formas de religiosidade, especialmente aquelas historicamente oprimidas, é um passo essencial para construirmos um Brasil mais justo, plural e consciente de sua riqueza cultural. A Umbanda, com sua história de resistência, acolhimento e espiritualidade, simboliza a necessidade e a urgência desse compromisso coletivo com a liberdade de fé e o combate à intolerância. Mais do que uma prática religiosa, ela representa um convite à convivência, ao diálogo e ao respeito que toda sociedade democrática deve cultivar.

## **Referências Bibliográficas**

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *No Dia Nacional de Combate à Intolerância*

*Religiosa, MDHC reforça canal de denúncias e compromisso com promoção da liberdade religiosa.* Publicado em 21 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/no-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-mdhc-reforca-canal-de-denuncias-e-compromisso-com-promocao-da-liberdade-religiosa>. Acesso em: 8 de maio de 2025.

CNN Brasil. *Intolerância religiosa no Brasil cresceu mais de 80%, diz estudo.* Publicado em 21 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>. Acesso em: 8 de maio de 2025.

UOL Notícias. *No 1º semestre, país teve 91% dos casos de intolerância religiosa de 2023.* Publicado em 17 de julho de 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/07/17/dados-violacoes-religiao-mdh.htm>. Acesso em: 8 de maio de 2025.

Agência Brasil. *Casos de ataques às religiões de matriz africana crescem 270%.* Publicado em 21 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/casos-de-ataques-religioes-de-matriz-africana-crescem-acima-de-270>. Acesso em: 8 de maio de 2025.

Wikipédia. *Candomblé.* Última atualização em 4 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9>. Acesso em: 8 de maio de 2025.

Wikipédia. *Marcha para Exu.* Última atualização em 4 de setembro de 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha\\_para\\_Exu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_para_Exu). Acesso em: 8 de maio de 2025.

AGÊNCIA BRASIL. *Disque 100 registra mais de 2,4 mil denúncias de intolerância religiosa em 2024.* 21 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-01/intolerancia-religiosa-disque-100-registra-24-mil-casos-em-2024>. Acesso em: 08 maio 2025.

BRASIL DE FATO. *Religiões de matriz africana são principais alvos de intolerância religiosa no DF.* 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/28/religioes-de-matriz-africana-sao-principais-alvos-de-intolerancia-religiosa-no-df>. Acesso em: 08 maio 2025.

FOLHA DE S. PAULO. *Denúncias por intolerância religiosa aumentam 80% em 2024.* 17 jul. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/08/denuncias-por-intolerancia-religiosa-aumentam-80-em-2024.shtml>. Acesso em: 08 maio 2025.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Umbanda.* s.d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/umbanda.htm>. Acesso em: 08 maio 2025.

TODAMATÉRIA. *Umbanda: história, crenças e rituais.* s.d. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/umbanda>. Acesso em: 08 maio 2025.

WIKIPÉDIA. *Umbanda.* Última atualização: abr. 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>. Acesso em: 08 maio 2025.

WIKIPÉDIA. *Religiões afro-brasileiras*. Última atualização: 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es\\_afro-brasileiras](https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_afro-brasileiras). Acesso em: 08 maio 2025.

<https://chatgpt.com/share/681d3df7-4c40-800a-a0db-a3282d831c37>